

BULLYING NO ENSINO MÉDIO: VIVÊNCIAS DE ALUNOS COMO VÍTIMAS, AGRESSORES E TESTEMUNHAS

Camila Mugnai Vieira¹
Nicoly Oliveira Vieira²
Alexandre Simão³

RESUMO

Esta pesquisa teve o objetivo de avaliar vivências de violência escolar e *bullying* entre estudantes do Ensino Médio. Participaram 200 estudantes do Ensino Médio de uma Escola Estadual do interior paulista. Foram aplicados por meio *online* dois instrumentos, um questionário fechado para caracterização sociodemográfica e a validada Escala de Violência Escolar (EVE). A análise de dados foi dada por meio da atribuição de escores individuais à escala, estatística descritiva e cálculos estatísticos pertinentes foram usados para avaliar as relações entre as variáveis investigadas. Dentre os principais resultados verificou-se que 4,5% dos alunos puderam ser considerados Vítimas- Agressores, ou seja, já se envolveram em situações de *bullying* em ambos os papéis. Muito mais estudantes se identificaram apenas como Vítimas (71 alunos, 35,5%) do que como apenas Agressores (2 estudantes, 1%). Este número de Agressores, porém, aumentou quando na parte complementar da Escala solicitou-se que indicassem quem era as vítimas de suas ações, independente da situação e de sua frequência, passando para 26 estudantes (13%). Os colegas da mesma turma foram indicados pela maioria tanto como alvo do *bullying* (84% das respostas) quanto com autores contra as vítimas (70% das respostas). Entre 74 a 90% dos alunos apontaram que “nunca” contaram para terceiros (outros alunos, professores e pais) sobre as situações de *bullying*, tanto vítimas quanto agressores. Quanto a intervenção de terceiros, entre 80% e 89% dos estudantes apontaram que outros alunos e outros professores “nunca” intervieram em situações de *bullying*. 51% já testemunharam situações de *bullying* ao menos 1 e 25% testemunharam *CyberBullying*. Os resultados poderão auxiliar medidas educativas no âmbito escolar, no sentido de prevenção ao *Bullying*, bem como intervenções em situações de violência escolar identificadas nos âmbitos presencial e virtual.

Palavras-chave: Violência escolar. Bullying. Estudantes.

INTRODUÇÃO

Os conflitos entre crianças e adolescentes no ambiente escolar podem ser intensos, tornando as interações entre os estudantes problemáticas e até mesmo violentas. A violência escolar incorpora as dimensões física, socioculturais e simbólicas. Decorre da interrelação entre três conjuntos de variáveis independentes, tornando-a multidimensional: o institucional, o social e o comportamental (Kappel et al., 2014). O *bullying* é caracterizado pela violência entre pares, intencional e repetitiva, envolvendo desequilíbrio de poder entre vítimas e agressores. As agressões podem ser de natureza física, verbal ou relacional (Sampaio, 2015). Nas escolas

¹ Docente e Pós-Doutora pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Câmpus Marília. Orientadora, camila.mugnai@unesp.br

² Graduanda do Curso de Nutrição, Universidade de Marília - (UNIMAR), nicolyovieira@gmail.com

³ Coordenador de Gestão Pedagógica Geral em Escola de Ensino Fundamental da rede estadual de São Paulo, Mestre em Educação, UNESP, Câmpus Marília. Coorientador, orientador@email.com

brasileiras, no ano de 2015, a prevalência de *bullying* foi de 28%, considerada elevada em comparação às taxas de outros países (Oliveira et al., 2016).

Há três formas específicas de envolvimento dos jovens nas situações de *bullying*: vítimas/alvos de *bullying*; agressores/perpetradores e vítimas/perpetradores, ou seja, crianças ou adolescentes que são alvos de *bullying* em um momento, e, em outro, perpetraram *bullying*. Há também as testemunhas, que presenciam os episódios e podem exercer papel decisivo, a depender de sua conduta (Howard; Landau; Pryor, 2014). Vítimas de *bullying* têm maior probabilidade de apresentarem baixo rendimento escolar (Valle, 2017); dificuldades nas interações e socialização (Souza, et al., 2017); sintomas de stress (Souza; Stelko-Pereira, 2016); transtornos depressivos, e até de se suicidarem (Holt et al., 2015), com evidências de impacto também na vida adulta.

Os efeitos negativos e a magnitude do *bullying* evidenciam a necessidade de reduzi-lo e preveni-lo no ambiente escolar. Ações educativas, especialmente com a participação ativa dos professores, tem na maioria das vezes, efeitos positivos (Ttofi; Farrington, 2011). Para aumentar as chances de efetividade de intervenções para prevenção do *bullying* na escola, há que se ter uma avaliação criteriosa do contexto escolar e das relações estabelecidas. As vivências dos estudantes, tanto como vítimas quanto como agressores, bem sua interação com variáveis sociodemográficas, compõem parte destes elementos.

Evidencia-se, portanto, a importância desta investigação junto a estudantes do Ensino Médio, pois a melhor compreensão deste fenômeno pode contribuir para intervenções mais eficazes de prevenção e enfrentamento da violência escolar futuramente. Desta forma, o objetivo desta pesquisa foi avaliar as vivências de situações de violência escolar e *bullying* entre estudantes do Ensino Médio.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada em uma Escola Estadual de Ensino Médio, com aproximadamente 370 estudantes, de uma cidade de médio porte do interior do centro-oeste do estado de São Paulo. Participaram 200 alunos do Ensino Médio da escola. Todos os alunos da escola foram convidados. O critério de inclusão foi: estar devidamente matriculado (a) e assinalar o aceite ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e/ou o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), em sua versão *online*. Foram excluídos da amostra alunos que não responderam todas as perguntas apontadas como obrigatórias no instrumento. O projeto foi encaminhado para o Comitê de Ética e Pesquisa com Humanos (CEP) e após aprovado, os participantes ou seus responsáveis legais (no caso de menores de 18 anos)

assinalaram o aceite ao TCLE, versão *online*. Os menores de 18 anos também assinalaram o aceite ao TALE, versão *online*.

Foram utilizados os seguintes instrumentos de coleta de dados: Questionário de caracterização sociodemográfica, que foi elaborado pelos pesquisadores, com base em estudos anteriores, com perguntas sobre identificação, condições de vida e demais aspectos do contexto pessoal e social; Escala de Violência Escolar (EVE), que investiga a frequência de vivências de violência escolar, assim como, identifica vítimas e agressores, apresenta-se em quatro versões direcionadas para alunos, professores, inspetores e diretores. Este estudo utilizou apenas a versão destinada aos alunos, que tem sido investigada e aprimorada, sendo que a quantidade de itens e os aspectos da violência escolar em análise aumentaram, de modo que a versão foi desmembrada em três escalas: Escala de Vitimização entre Alunos (EVA); Escala de Vitimização a Alunos por Funcionários (EVAF); e Escala de Autoria de Violência de Alunos (EAVA) (Stelko-Pereira; Williams, 2016). Nos itens para verificar frequência da violência escolar, a escala constitui-se na ordem de nenhuma, 1 ou 2 vezes, 3 ou 4 vezes, 5 ou 6 vezes, 7 vezes ou mais. O instrumento foi validado quanto à estrutura e consistência internas (Stelko-Pereira et al., 2019).

Os instrumentos foram disponibilizados *online*, por meio da plataforma *Google Forms*. Os dados de caracterização dos participantes foram analisados por meio de estatística descritiva. Para análise da EVE foram atribuídos pontos a cada uma das respostas, de 1 a 5, sendo 1 quando foi assinalado que o fato aconteceu “nenhuma vez”, em ordem crescente de frequência nas alternativas, até a pontuação 5, para a opção “7 vezes ou mais”. Após a atribuição dos pontos, foram calculados os escores totais de cada participante separadamente nas Escalas de Vítimas e de Agressores. Também se separou o cálculo dos escores específicos de vítimas presenciais e virtuais, bem como de agressores presenciais e virtuais. Os escores da EVE poderiam variar da seguinte forma: Vítima presencial: de 11 a 55; Vítima Virtual: de 7 a 35; Total de Vitimização: de 18 a 90; Agressor presencial: de 11 a 55; Agressor Virtual: 7 a 35 e Total de Agressor: de 18 a 90. Além disso, utilizou-se a nota de corte atribuída por Valle (2017), segundo a qual, foram considerados **Vítimas** alunos que assinalaram as alternativas que indicada 3 vezes ou mais por pelo menos um tipo de situação, ao mesmo tempo que não assinalaram alternativas assim para nenhum item na escala de autoria. Ao contrário, foram considerados **Agressores** os alunos que assinalaram a frequência de 3 vezes ou mais para pelo menos uma situação na escala de autoria e não assinalaram frequência assim para vitimização. Por fim, foram considerados **Vítimas-agressores** aqueles que assinalaram alternativas com frequência de 3 vezes ou mais para pelo menos uma situação tanto de vítima quanto de agressor. Foram calculadas média,

desvio padrão e mediana para cada parte da escala. Para itens complementares da escala foram apenas calculadas frequências absoluta e relativa. Realizaram-se cruzamentos de dados e testes pertinentes para comparação entre subgrupos constituídos em função das variáveis investigadas, caracterização dos participantes e vivências de violência e de *bullying*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A idade dos participantes variou entre 14 e 18 anos, com média de 16 anos. Participaram 30 estudantes do primeiro ano (15%), 96 do segundo ano (48%) e 74 (37%) do terceiro ano do Ensino Médio. 54% eram do sexo feminino, 114 estudantes e 43% são do sexo masculino, que corresponde a 86 respostas. Do total de estudantes, 5% relatou ter alguma deficiência, sendo citadas deficiência visual (4), auditiva (1), intelectual (1) e outros (4), tendo citado dificuldades de aprendizagem e déficit de atenção, por exemplo. Com relação a renda familiar, 31 estudantes (15,5%) referiram até 1 salário mínimo, 108 (54%) de 1 a 3 salários mínimos, 44 (22%) de 3 a 5 salários mínimos, 14 (7%) de 5 a 7 salários mínimos e 3 (1,5%) mais de 7 salários mínimos. Quanto à etnia, 130 (65%) declararam-se brancos, 48 (24%) negros e 22 (11%) indígenas. Quanto à orientação sexual, 161 (80,5%) declararam-se heterossexuais, 8 (4%) homossexuais, 27 (13,5%) bissexuais e 4 (2%) outros, como pansexual, assexual, queer e indefinido.

As Tabelas 1 e 2 apresentam os resultados na EVE. A primeira com valores da soma dos escores dos 200 participantes em cada parte da escala, os escores mínimos e máximos dos participantes, média, desvio padrão e mediana do grupo total e a segunda com a frequência e porcentagem de vítimas-agressores, vítimas presenciais e virtuais e agressores idem. A Tabela 1 identifica escores mais altos na escala de vítimas do que na de agressores. Em ambas, foram encontrados escores mais altos nas situações presenciais do que nas virtuais.

Tabela 1: Resultados gerais da Escala de Violência Escolar (EVE)

| MEDIDAS | Vítima P | Vítima V | Total Vítima | Agressor P | Agressor V | Total Agressor |
|---------------------|----------|----------|--------------|------------|------------|----------------|
| ESCORES TOTAIS | 2548 | 1700 | 4254 | 2332 | 1434 | 3764 |
| VARIAÇÃO Min-Max | 11-39 | 7-19 | 18-46 | 11-39 | 7-14 | 18-50 |
| MÉDIA | 12,74 | 8,5 | 21,27 | 11,66 | 7,17 | 18,82 |
| DP | 3,66 | 2,33 | 4,75 | 2,64 | 0,9 | 3,23 |
| MEDIANA | 11 | 7 | 20 | 11 | 7 | 18 |
| PARTICIPANTES | 200 | 200 | 200 | 200 | 200 | 200 |

Fonte: Autoria própria.

Legenda: P: presencial; V: virtual

Tabela 2: Vítimas, Agressores e Vítimas-agressores identificados a partir da EVE⁴

| VÍTIMAS | F | P |
|------------------------------------|------------|--------------|
| Vítimas apenas Presenciais | 8 | 4% |
| Vítimas apenas Virtuais | 57 | 28,5% |
| Vítimas Presenciais e Virtuais | 6 | 3% |
| TOTAL de Vítimas | 71 | 35,5% |
| Agressores apenas Presenciais | 2 | 1% |
| Agressores apenas Virtuais | 0 | 0% |
| Agressores Presenciais e Virtuais | 0 | 0% |
| TOTAL de Agressores | 2 | 1% |
| TOTAL de Vítimas-Agressores | 9 | 4,5% |
| TOTAL | 200 | 200 |

Fonte: Autoria própria.

Segundo o critério de Valle (2017) para nota de corte, 4,5% dos alunos puderam ser considerados Vítimas- Agressores, ou seja, já se envolveram em situações de *bullying* em ambos os papéis. Muito mais estudantes se identificaram apenas como Vítimas (71 alunos, 35,5%) do que como apenas Agressores (2 estudantes, 1%). Este número de Agressores, porém, aumentou quando na parte complementar da Escala, passando para 26 estudantes (13%). O número de vítimas, por outro lado, diminuiu para 51 (26%) quando tiveram que indicar quem seriam seus agressores. Os colegas da mesma turma foram indicados pela maioria tanto como alvo do *bullying* (84% das respostas) quanto com autores contra as vítimas (70% das respostas).

A prevalência de vitimização por *bullying* está em consonância à média internacional, porém localizada acima do limite superior. A prevalência de vitimização de *bullying* oscila entre 3% e 33% em adolescentes de 11 a 15 anos, de acordo com o *Health Behavior in School-aged Children* (HBSC) (Currie; Nic Gabhainn; Godeau, 2009).

Segundo Tsitsika et al. (2014), a nível internacional, a prevalência de *bullying* varia de 2% a 32%. Em comparação com estudo americano de Bannink et al. (2014), o número de vítimas no presente estudo está acima, pois nos Estados Unidos, identificaram que 21,4% dos jovens eram vítimas de *bullying*. Os resultados de vitimização encontrados também foram superiores aos das pesquisas da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância

⁴ Em todas as Tabelas F significa frequência e P porcentagem.

e à Adolescência (ABRAPIA), que verificaram vitimização por *bullying* em 23,6% e 27,8% (Santos et al., 2014). Os resultados aproximaram-se aos de Marcolino (2015), que identificou prevalência de vitimização de *bullying* de 29,5%. Já comparando com os dados de Portugal, o número de vítimas neste estudo foi inferior, uma vez que 46,8% dos estudantes abordados declaram terem sofrido *bullying* (Silva et al., 2013). Já em relação ao número de agressores, os 1% identificados a princípios indicam prevalência muito inferior à Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PENSE), na qual 20,8% dos estudantes relataram a autoria de *bullying* (Malta et al., 2014). Os 13% de autores identificados em itens complementares da escala estão entre os valores discrepantes encontrados em pesquisas realizadas em regiões específicas do Brasil.

Alckmin-Carvalho (2014) discute a fidedignidade questionável de informações por autorelato dos alunos, na medida em que podem omitir dados, dar respostas socialmente aceitas, ter receio de estarem sendo avaliados, serem punidos, ou ainda, estarem envolvidos em situações de *bullying* sem perceberem. Pode ocorrer ainda a banalização do termo e a marginalização do problema, levando discentes a dimensionarem a gravidade das situações (ESTEVES, 2019). De acordo com o critério de Valle (2017) para nota de corte, há muito mais vítimas virtuais (57 estudantes, 29%) do que presenciais (8 alunos, 4%). Por outro lado, os escores presenciais são mais altos, indicando que muitos estudantes podem ter passado até 2 vezes por uma ou mais situações como vítimas presenciais, não entrando no critério para ser considerado vítima, mas aumentando pontuação, enquanto poucas situações virtuais foram apontadas, mas em alta frequência.

Silva et al. (2012), em estudo com jovens de 12 a 20 anos, identificaram que 56,9% dos alunos foram vítimas, 38,5%, agressores e 82,0%, observadores. Os autores discutem que os agressores também são, em sua maioria, vítimas de agressão. Entretanto, há uma parcela representativa de vítimas que não se considera agressora. Indicam que possivelmente uma parcela de autores direciona sua agressividade aos colegas de forma indiferenciada, não apenas àqueles que lhes agridem também. Parece haver dificuldades de relacionamentos interpessoais e sentimentos negativos expressos por meio de comportamentos agressivos, sem que os próprios percebam sua autoria ou sem que a autorelatem, por receio de punição, por vergonha ou outras razões relacionadas. Dentre as respostas dos estudantes que foram vítimas de violência escolar (51), 84% das respostas indicaram que colegas de turma foram os autores das agressões sofridas. Quanto às respostas dos autores de agressões (26) em relação a quem foram suas vítimas, 70% das respostas também indicaram colegas de classe. Percebe-se que, embora seguindo critérios de Valle (2017), apenas 1% dos estudantes possam ser considerados 'Agressores', 13% indicaram alguma vítima de suas ações, ou seja, não disseram que "nunca

fizeram isso”. O número de vítimas, ao contrário, diminuiu ao se questionar os autores do *bullying*, com 51 alunos indicando seus agressores.

O fato de a grande maioria indicar colegas da própria turma merece atenção. Possivelmente a convivência cotidiana mais próxima pode gerar mais conflitos, bem como a intimidade levar a liberdade de expressão, que podem ultrapassar o limite do saudável, gerando situações de *bullying* entre jovens que se encontram diariamente. Os resultados indicam que possivelmente, estas situações são mais percebidas pelas vítimas e menos pelos próprios agressores. Neste mesmo *locus* de maior conflito pode estar a potencialidade de sua resolução. A qualidade dos vínculos estabelecidos com os pares na adolescência, associada a autoestima, é um fator protetor ao envolvimento em comportamentos de violência escolar (Pinheiro Mota; Dias; Rocha, 2020). Um dos fatores decisivos nesse processo é a mediação relacional promovida pelos docentes. Ocorre, porém que entre 74 a 90% apontaram que “nunca” contaram para terceiros (outros alunos, professores e pais) sobre as situações de *bullying*, tanto vítimas quanto agressores. Quanto a intervenção de terceiros, na escala de Vítimas, 80% e 79% dos estudantes apontaram que outros alunos e outros professores, respectivamente, “nunca” interviram. Este número na Escala de Agressores foi ainda maior, com 89% dos alunos e 88% dos professores “nunca” intervindo em situações de *bullying*.

Tabela 3 apresentada as respostas dadas pelos participantes sobre as ações das vítimas de *bullying*. A maioria apontou que nunca ou quase nunca contava para ninguém o ocorrido (nem outros alunos, nem professores, nem pais) e que nunca ou quase nunca outros intervinham (professores e outros alunos) tanto vítimas quanto agressores. Quanto às respostas dos participantes sobre a ação dos agressores de *bullying*, a maioria apontou que nunca contava para ninguém o ocorrido (nem outros alunos, nem professores, nem pais) e que nunca outros intervinham (professores e outros alunos) tanto vítimas quanto agressores.

A literatura descreve três formas específicas de envolvimento de crianças e adolescentes com *bullying*, de acordo com suas atitudes frente às situações: vítimas de *bullying*; agressores e vítimas-agressores, ou seja, crianças ou adolescentes que são alvos de *bullying* em um momento, e, em outro, perpetram *bullying*. Também existem as testemunhas e seu papel pode ser decisivo para a continuidade, o agravamento ou o término de situações de *bullying* (Howard; Landau; Pryor, 2014). Ocorre, porém, que crianças e adolescentes testemunhas também podem sofrer consequências negativas quando tentam intervir nas situações de *bullying*, como ameaças, tornarem-se próximas vítimas, aprenderem que a violência é uma forma de se comunicar e resolver conflitos. Assim, pode ser que optem por não intervir por receio ou ainda, por banalização da violência, não percebendo a gravidade das situações. Por outro lado, quando

não intervêm, como parece ser o caso dos participantes desta pesquisa, as testemunhas podem sentir culpa por serem negligentes e não ajudarem colegas que precisavam, por exemplo (Stelko, 2010).

Tabela 3 – Com que frequência você contou o que aconteceu a outra pessoa?

| RESPOSTAS | Alunos | | Professores | | Pais ou responsáveis | |
|---------------|--------|-------|-------------|------|----------------------|-------|
| | F | P | F | P | F | P |
| Nunca. | 148 | 74% | 162 | 81% | 157 | 78,5% |
| Quase nunca. | 25 | 12,5% | 18 | 9% | 23 | 12% |
| Às vezes. | 10 | 5% | 11 | 5,5% | 8 | 4% |
| Quase sempre. | 8 | 4% | 5 | 2,5% | 4 | 2% |
| Sempre. | 9 | 4,5% | 4 | 2% | 8 | 4% |
| Total | 200 | 100% | 200 | 100% | 200 | 100% |

Fonte: Autoria própria

Estudos apontam que entre testemunhas pode ocorrer aumento da ansiedade, diminuição da aprendizagem, problemas diversos de saúde mental e queixas psicossomáticas. Estas reflexões são pertinentes aos alunos que “nunca” intervêm (Vieira et al, 2016). Já em relação aos adultos, pode ser que nem saibam dos fatos ocorridos, pois os estudantes “nunca” relatam. Além disso, para professores, pode ser difícil identificar situações de bullying menos evidentes, que geram como consequências comportamentos internalizantes e sofrimento mais difícil de perceber do que comportamentos externalizantes, expressos como desobediência, quebra de regras e violência física que interfiram em sala de aula. O mesmo para os responsáveis em casa (Del Prette; Del Prette, 2003). Segundo Melo e Pereira (2017), existem quatro fatores que influenciam as testemunhas a intervirem ou não – Falta de Sensibilidade Moral Básica, Afastamento da Situação de *Bullying*, Empatia e Desengajamento Moral.

Nesse sentido, os professores, gestores escolares, pais e responsáveis precisam ser capacitados para identificarem e intervirem em formas mais sutis de *bullying*, suas consequências e ainda, o *cyberbullying* (Alckmin-Carvalho, 2014), que segundo os resultados desta pesquisa, tem menos vítimas e menos intervenção dos adultos ainda. Possivelmente, o ambiente virtual e suas nuances relacionais ainda não é totalmente compreendido por estes adultos. O anonimato ou a sensação de impunidade podem agravar comportamentos agressivos, assim como as vítimas podem se sentir ainda mais silenciadas e sozinhas. Considerando especialmente o contexto atual no qual o uso da tecnologia vem se ampliado e o ensino remoto ou híbrido vem sendo uma realidade, além do lazer virtual, há que se refletir sobre estes aspectos

e a violência também nesses espaços virtuais. Seixas et al. (2016) destacam que o *cyberbullying* pode acontecer em qualquer lugar e a qualquer momento, não se restringindo ao ambiente e horário escolar, embora muitas situações estejam relacionadas a acontecimentos no âmbito da instituição. Além disso, o *cyberbullying* costuma ser mascarado porque pode ser erroneamente identificado apenas como uma simples brincadeira ou piada (Gadelha et al., 2019). São mais propensos a serem agressores de *cyberbullying* pessoas com menores níveis de afetividade, empatia cognitiva e global, com maior *status* socioeconômico e que gastam mais tempo na internet (Lampridis, 2015). A pouca intervenção de terceiros, seja porque os fatos não são relatados a estes, seja porque não conseguem ou se empenham em identificá-los, aumenta a impunidade se situações de *bullying*, o que pode gerar nos agressores a sensação de que produzir sofrimento nos outros é aceitável, produzir nas vítimas o sentimento de baixa autoestima, ampliar as repercussões emocionais e riscos dos que são alvo desse tipo de comportamento repetidamente ao longo do tempo, incluindo depressão e suicídio, e ainda banalizar a violência no ambiente escolar, levando as próprias vítimas e testemunhas a também perpetrarem *bullying*, tornando-se agressores ou vítima-agressores, perpetuando-se um ciclo de violência escolar (Alckimin-Carvalho, 2014).

Para verificar possíveis relações entre a VE e demais variáveis identificadas, foram realizados cálculos estatísticos separadamente para Escala de Vítimas e para Escala de Agressores da EVE⁵. Foram comparados os resultados entre as séries do Ensino Médio, por meio do teste Kruskal- Wallis, sendo encontrado valor de $p = 0,97$ para vítimas e $p = 0,36$ para agressores, indicando não haver diferença estatisticamente significativa entre as séries com relação à vitimização e a autoria de VE. Para as demais variáveis, tanto na escala de vítimas quanto de agressores, os participantes foram divididos em 2 grupos a partir da mediana dos escores totais dos estudantes, sendo um grupo com escores abaixo da mediana e outro com escores acima. A partir desta reorganização, foram elaboradas Tabelas 2x2, calculadas frequências e porcentagens e calculado Qui Quadrado com as variáveis. Para os agrupamentos foram consideradas as médias, nos casos de valores numéricos, como idade, por exemplo, e as condições prevalentes, citadas pela maioria X condições pela minoria (agrupadas todas para formas 1 única categoria, permitindo as comparações dos grupos 2 a 2. Na maior parte dos cruzamentos não foram encontradas diferenças estatisticamente significantes no que se refere à vitimização e à autoria de *bullying*. Em relação a algumas, variáveis, porém, apresentaram-se diferenças quanto ao envolvimento com EVE, como deficiência, idade e orientação sexual. Os

⁵ Para considerar diferença estatisticamente significativa entre os grupos comparados, nos cálculos considerou-se o valor de $p < 0,05$

alunos com deficiência foram mais vitimizados do que os sem deficiência ($p=0,02$). Entre os alunos mais novos (15/16 anos) houve menos vítimas do que entre os alunos mais velhos (17/18 anos) ($p=0,04$). Os estudantes héteros se consideram menos agressivos do que os não héteros ($p=0,04$). Quanto às variáveis sociodemográficas, na maior parte dos cruzamentos não foram encontradas diferenças estatisticamente significantes no que se refere à vitimização e à autoria de *bullying*. Em relação a algumas, variáveis, porém, apresentaram-se diferenças quanto ao envolvimento com EVE, como deficiência, idade e orientação sexual. Embora a literatura apresente evidências do predomínio de vitimização e agressão por *bullying* entre os estudantes do sexo masculino (Santos et al., 2014), nesta pesquisa a diferença entre os gêneros não se mostrou estatisticamente significativa.

A literatura indica que na faixa etária de 15 a 19 anos concentram-se os maiores percentuais de todos os tipos de violência, o que evidencia a importância destas ações no Ensino Médio. As pesquisas indicam, porém, que com o aumento progressivo da idade, as situações de violência tendem a reduzir, assim, os alunos mais novos representam a população mais atingida pelas agressões físicas escolares, bem como participantes dessas situações (Marcolino, 2015). Os resultados encontrados nesta pesquisa se contrapõem a isso, uma vez que entre os alunos mais novos (15/16 anos) houve menos vítimas do que entre os alunos mais velhos (17/18 anos) ($p=0,04$), indicando a necessidade de intervenções específicas também entre estudantes que estão para se formar no Ensino Médio e, teoricamente, deveriam apresentar maior amadurecimento emocional e menos envolvimento com situações de violência. Variáveis como o estresse diante da escolha profissional, vestibulares, perspectivas após este nível de ensino, com a situação socioeconômica difícil para várias famílias, desemprego (embora não se tenha encontrado diferenças quando ao envolvimento com *bullying* e renda familiar) podem interferir no comportamento destes jovens.

Um achado interessante nesses cruzamentos foi de que os estudantes héteros se consideram menos agressivos do que os não héteros ($p=0,04$), embora na vitimização não tenha sido encontrada diferença. Nesse sentido, reflexões podem ser feitas quanto a hipóteses explicativas para estes resultados, como a possível aceitação de diversidades sexuais na escola, com essa variável não interferindo na vitimização de estudantes. Ao contrário, conflitos relacionados à sexualidade sendo expressos por estudantes não héteros na forma de comportamentos agressivos tanto entre si quanto com os héteros, ou ainda, dificuldades de alunos héteros perceberem sua autoria em situações de *bullying* ou a relatar, em comparação com estudantes não héteros, estes últimos com mais consciência de suas ações nesse sentido e as relatando mais abertamente. Um resultado preocupante foi que alunos com deficiência foram

mais vitimizados do que os sem deficiência ($p=0,02$). Esteves (2019) destaca que os conflitos que possuem maior propensão a se transformar em *bullying* são aqueles marcados pela diferença, geralmente atitudes preconceituosas e discriminatórias. Possivelmente, os estudantes com deficiência ainda são alvo destas situações na escola, percebem-se como vítimas e expressaram isso na pesquisa, demandando intervenções quanto ao seu acolhimento e que trabalhem a inclusão na comunidade escolar como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados poderão auxiliar medidas educativas no âmbito escolar, no sentido de prevenção ao *Bullying*, bem como intervenções em situações de violência escolar identificadas nos âmbitos presencial e virtual. Novos projetos neste sentido já estão em elaboração.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos apoios por meio do Edital 06/2023 PROPe- Programa de Incentivo e Estímulo à Pesquisa aos Recém-contratados - IEPe-RC, para apresentação do trabalho no evento, e da Bolsa PIBIC-EM/CNPq – Processo nº 118683/2020-9, para realização da pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ALCKMIN-CARVALHO, F. *Bullying, problemas de comportamento e adversidade familiar em adolescentes de escolas públicas paulistas. Dissertação (Mestrado)*. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2014.
- BANNINK, R. et al. H. Cyber and Traditional Bullying Victimization as a Risk Factor for Mental Health Problems and Suicidal Ideation in Adolescents. **Being Bullied, Mental Health and Suicidal Ideation**. v. 9, n. 4, 2014.
- CURRIE, C.; NIC GABHAINN, S.; GODEAU, E. International HBSC Network Coordinating Committee. The Health Behaviour in School-aged Children: WHO Collaborative Cross-National (HBSC) study: origins, concept, history and development 1982-2008. **Int J Public Health**. v.54, Suppl 2, p.131-9, 2009.
- DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Habilidades sociais e dificuldade de aprendizagem: teoria e pesquisa sob um enfoque multimodal. In: DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. (Orgs.), **Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção**. Campinas: Alínea, 2003, p. 167- 206.
- ESTEVES, P. S da M. A perspectiva dos estudantes diante da violência que enfraquece as relações intersubjetivas no cotidiano escolar. **Educação & Formação**. Fortaleza, v. 4, n. 11, p. 60-81, maio/ago. 2019.
- GADELHA, M. do S. V. et al. Bullying nas Instituições de Ensino Superior: Revisão Sistemática. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, vol.13, n.44, p. 357-373, 2019.
- HOLT, M. K. et al. Bullying and suicidal ideation and behaviors: A meta-analysis. **Pediatrics**, v. 135, n. 2, e496-e509, 2015.
- HOWARD, A. M.; LANDAU, S.; PRYOR, J. B. Peer bystanders to bullying: Who wants to play with the victim? **Journal of abnormal child psychology**, v. 42, n. 2, p. 265-276, 2014.

- KAPPEL, V. B. et al. Enfrentamento da violência no ambiente escolar na perspectiva dos diferentes atores. **Interface comunic. saud. educ.**, v.18, n.51, p. 723-35, 2014.
- LAMPRIDIS, E. **Stereotypical Beliefs about Cyber Bullying: An Exploratory Study in terms of Myths**. Horizon Research Publishing, 2017.
- MALTA, D. C. et al. *Bullying* em escolares brasileiros: análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012). **REV BRAS EPIDEMIOL.** sup. PeNSE, p. 92-105, 2014.
- MARCOLINO, E. de C. Violência Escolar: vitimização e agressão entre adolescentes da Rede Pública Municipal de Ensino. 106p. **Dissertação (Mestrado em Saúde Pública)**. Universidade Estadual da Paraíba, 2015.
- MELO, M.; PEREIRA, S. Comportamentos e motivos dos/as observadores/as de *bullying*: Contributos para a sua avaliação. **Revista PSICOLOGIA**, v. 31, n. 2, p. 1-14, 2017.
- OLIVEIRA, W.A. et al. Associations between the practice of bullying and contextual variables from the aggressors' perspective. **Jornal de Pediatria**, Porto Alegre, v. 92, n. 1, p. 32-39, 2016.
- PINHEIRO MOTA, C.; DIAS, D.; ROCHA, M. Vinculação aos pares e comportamentos de bullying na adolescência: o efeito mediador da autoestima. **Avances en Psicología Latinoamericana**, v.38, n.1, p. 48-65, 2020.
- SAMPAIO, J. M. C. et al. Prevalência de bullying e emoções de estudantes envolvidos. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 344-352, abr./jun. 2015.
- SANTOS, J. A. et al. Prevalência e Tipos de Bullying em Escolares Brasileiros de 13 a 17 anos. **Rev. Salud Pública**. v.16, n.2, p.173-183, 2014.
- SEIXAS, S. R.; FERNANDES, L.; MORAIS, T. Bullying e cyberbullying em idade escolar. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**, v.7, n. 1-2, p. 205-210, 2016.
- SILVA, C. E. da et al. Violência entre pares: um estudo de caso numa escola pública de Esteio/RS. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 16, Número 1, Janeiro/Junho de 2012, p. 83-93.
- SILVA, M. A. I. et al. The Involvement of Girls and Boys with Bullying: An Analysis of Gender Differences. **Int. J. Environ. Res. Public Health**. v.10, p. 6820-6831, 2013.
- SOUSA, M. M. M.; STELKO-PEREIRA, A. C. Relações entre violência escolar, gênero e estresse em pré-adolescentes. **Rev Eletrônica de Educação**, v. 10, n. 1, p. 110- 127, 2016.
- SOUZA, J. A. et al. *Bullying*, identidade e direitos humanos no contexto escolar. **IV Congresso Nacional de Educação**, 2017; vol. 1.
- STELKO-PEREIRA, A. C. et al. Evidências de validade para a Escala de Vitimização entre Alunos (EVA). **Revista Portuguesa de Educação**, 32(2), pp. 122-133, 2019.
- STELKO-PEREIRA, A. C.; WILLIAMS, L. C. A. Evaluation of a Brazilian school violence prevention program. **Pensamiento Psicológico**, v. 14, n. 1, p. 63-76, 2016.
- STELKO-PEREIRA, A. C.; WILLIAMS, L. C. A. Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. **Temas em Psico**, v. 18, n. 1, p. 45 – 55, 2010.
- TSITSIKA, A. K. et al. M. Bullying behaviors in children and adolescents: “an ongoing story” **Frontiers in PublicHealth**. v.2, n.7, 2014.
- TTOFI, M. M.; FARRINGTON, D. P. Effectiveness of school-based programs to reduce bullying: a systematic and meta-analytic review. **Journal of Experimental Criminology**, v. 7, n. 1, p. 27-56, Mar. 2011.
- VALLE, J. E. A influência do envolvimento em bullying e da relação professor-aluno no engajamento escolar [**Dissertação de Mestrado**]. Universidade Federal de São Carlos, 2017.
- VIEIRA, I. S. et al. Atitudes de alunos espectadores de práticas de *bullying* na escola. **Cienc Cuid Saude**, v. 15, n. 1, p. 163-170, 2016.